

# A peste da besta

» SACHA CALMON  
Advogado



Marina Falcão nos informa: “A taxa de transmissão do coronavírus no Brasil aumentou para 1,23, com crescimento exponencial nas últimas semanas, de acordo com dado divulgado pelo Imperial College, de Londres. No relatório anterior, publicado há 15 dias, a multiplicação do vírus no país estava em 1,13. A mudança causa grandes efeitos na curva epidêmica, pois a taxa de reprodução (R) em 1,23 significa que cada 100 pessoas com covid-19 contaminam mais 123. O indicador aparece acima do de países como Argentina (0,89) e México (0,86). No Reino Unido, onde a vacinação está em ritmo acelerado, o indicador está em 0,73. Somente quando o R fica abaixo de um é possível afirmar que a pandemia está em remissão.

Professor do Departamento de Ecologia da Universidade de São Paulo, Paulo Inácio Prado, do Observatório Covid-19 BR, pondera que o cálculo de uma única taxa de reprodução para todo o país é “problemático”. Mesmo assim, ele alerta que se verifica hoje um aumento muito acelerado de casos, hospitalizações e óbitos na maioria dos Estados. “A situação é de emergência extrema, e lockdowns deveriam ser considerados com mais seriedade.”

O Observatório Covid-19 BR faz o cálculo do R em separado para cada estado, baseado em dados divulgados pelo Ministério da Saúde. As mais recentes informações referentes à semana epidemiológica, encerrada em 6 de março, mostram sinais de alerta em estados como Maranhão e Rio Grande do Sul, além do Distrito Federal.

Acontece que os dados de abril tornam obsoletos os índices acima. No dia 6 de abril, morreram 4.195 brasileiros em 24 horas, fora as subnotificações. Há a hipótese de que, no Brasil remoto, estejam morrendo 6 a 7 mil pessoas por dia, sem notificações.

O governador de Minas, Romeu Zema (Novo), colocou todo o estado na onda roxa, que é a fase mais restritiva, para tentar

conter o avanço de casos de covid-19. “Estamos, sim, correndo atrás de cinco vacinas: Pfizer, AstraZeneca, Janssen e CoronaVac, que já foram aprovadas pela Anvisa, e Sputnik. Se esses laboratórios fornecerem para estados e municípios, a vacina vai chegar para Minas Gerais”, afirmou Zema.

O governador disse que 20 milhões de doses seriam suficientes para imunizar o restante da população do estado que ainda não recebeu doses significativas da vacina. “Quero declarar que o povo mineiro pode dormir tranquilo (...); tudo que está ao nosso alcance para a compra de vacina está sendo feito. A vacina vai chegar ou pelo Ministério da Saúde, ou por compra nossa.” Fez mais, o fechamento do comércio não essencial e a adoção do toque de recolher das 20h às 5h. E “o policiamento será reforçado principalmente à noite. Quem circular pelas ruas precisa justificar o motivo de estar fora de casa”. Pois, sim, conversa para boi dormir.

A situação no Brasil está péssima. Teremos uma verdadeira matança, e a culpa é do

presidente. Basta ler os jornais. A Justiça Federal em Brasília considerou inconstitucional a lei que obriga a doação ao Sistema Único de Saúde de 100% de vacinas compradas por empresas ou outras instituições, enquanto todos os grupos considerados prioritários não forem vacinados. Os governos federal e estaduais até hoje não vacinaram nem 15% da população! O juiz federal de Brasília Rolando Spanholo entendeu que a exigência da doação, incluída na lei, é inconstitucional, aceitando a argumentação do Sindicato dos Delegados de Polícia de São Paulo, de que a vedação viola o direito fundamental à saúde ao atrasar a imunização. Todas as empresas, farmácias e hospitais têm o direito de buscar vacinas para protegerem o Brasil, como nos EUA se fez!

Paulo Guedes fez “convocação” ao setor empresarial. “Se os empresários comprarem vacinas, o país poderá “dobrar” a quantidade de doses já contratadas pelo governo (500 milhões)”. Esse é um número doido, cabalístico, biruta! Mas não avaliou a compra, sem doação, pelos empresários.

O ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, ao lado do ministro da Educação, Milton Ribeiro, e do secretário de Saúde de São Paulo, Jean Carlo Gorinchteyn, voltou a afirmar que é necessário a união de todos “com base na ciência e no humanismo” para lidar com os problemas causados pela pandemia da covid. Mas entregar ao SUS as vacinas é loucura rematada. Coisa de país fascista. Do SUS cuide o governo. Todos os brasileiros contribuem para o INSS/SUS, mensalmente.

Obrigar os mais aptos a doar ao governo central inepto as vacinas compradas foi um erro brutal. É preciso acabar com isso. Se não fosse o Butantan de São Paulo, o Brasil estaria rastejando como cobra cascavel (veneno em vez de antídoto). O presidente falastrão, em vez de comprar vacinas, fosse dali ou de acolá, ficou postergando. Agora colhemos mortos e cavamos sepulturas.

## Liderança para um futuro sustentável

MAURÍCIO ANTÔNIO LOPES

Pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa)

Estima-se que a atual pandemia poderá custar até US\$ 16 trilhões globalmente, cerca de 500 vezes mais do que seria necessário para se prevenir crise semelhante no futuro. Com a migração humana, o crescimento populacional, a rápida urbanização, o intenso trânsito de viajantes ao redor do globo e as mudanças climáticas acelerando a disseminação de doenças letais, nunca foi tão fácil para surtos se transformarem em epidemias e, daí, se converterem em pandemias. Antecipar e gerir esse risco deve ser um esforço mundial que mobilize governos, empresas, academia e organizações não governamentais, todos reconhecendo que conter tal perigo é uma prioridade de interesse global.

A missão de vencer a pandemia de covid-19 e criar barreiras ao surgimento de catástrofes semelhantes no futuro, somam-se outros desafios. A ONU acaba de publicar relatório sobre o financiamento para o desenvolvimento sustentável em âmbito global — denominado *Financing for Sustainable Development Report 2021*, documento que nos mostra um mundo fraturado e assimétrico, com crescente distanciamento entre ricos e pobres e enorme carência de recursos necessários para combater a pandemia e outros riscos sistêmicos, como as mudanças climáticas, o que compromete a tão desejada trajetória da humanidade na direção de um futuro sustentável.

Ainda assim, o relatório indica que a resposta à crise pode criar uma oportunidade sem precedentes para a construção de um mundo melhor, caso governos se disponham a investir em capital humano, sistemas de proteção social e em infraestrutura e tecnologia resilientes e sustentáveis. E caso a comunidade internacional apoie os países mais pobres em tais esforços., a crise também abre espaço para se

reformular a arquitetura política e institucional vigente, redesenhando planejamento e tributação, viabilizando acesso amplo à digitalização, fortalecendo o comércio multilateral e a rede de segurança financeira global, em linha com a Agenda 2030 da ONU e necessidades dos países em desenvolvimento, para os quais a crise tem implicações mais severas e de mais longo prazo.

A grande questão é, no entanto, de onde surgirão as lideranças e o financiamento compatíveis com as soluções para um futuro sustentável, prescritas neste e em muitos outros relatórios que analisam saídas possíveis para a crise. Quase todas as prescrições apontam para a necessidade de governos e líderes hábeis e aptos a alavancar a capacidade dos estados nacionais e das organizações multilaterais no tratamento dos riscos sistêmicos que estão a ameaçar a humanidade. Mas a dura realidade é que o mundo carece de instituições fortalecidas e lideranças e, talvez por isso, viva à mercê de um sistema econômico que multiplica privilégios e desigualdade. E, pior, que frequentemente privilegia a financeirização e o “rentismo” — a tática daqueles que ganham dinheiro sem realizar nenhum trabalho, arriscando pouco ou nada de seus ativos.

É, por exemplo, surpreendente ver crescer o número de manchetes de jornais informando que fortunas estão se multiplicando ao redor do globo em plena pandemia. Em março de 2021, o Institute for Policy Studies, dos Estados Unidos, informou que os 2.365 bilionários do mundo desfrutaram de um acréscimo de US\$ 4 trilhões em sua riqueza desde o início da pandemia, aumentando suas fortunas em absurdos 54%. A crise evidenciou, também, uma enormidade de grandes empresas que pagam pouco ou nenhum imposto, o que, recentemente, levou o presidente americano Joe Biden a afirmar publicamente: “Eu não posso acreditar que preciso dizer isso, mas empresas gigantes

não deveriam pagar menos impostos que um professor ou um bombeiro”.

Importante dizer que os bilionários e as grandes empresas não são o problema — o problema está na arquitetura dos sistemas de poder, influenciáveis pela financeirização, pelo rentismo e pela sofisticada engrenagem que modula os sistemas decisórios em favor da concentração desproporcional de riqueza. E o problema está, também, em governos que, ao invés de reconhecerem e tratarem tais distorções, se deixam influenciar pelo negacionismo sobre a importância do Estado, apostando na liquidação do patrimônio público como forma de eliminar “custos” e fazer caixa para lidar com os impactos da crise. Saída que pode se converter em pesadelo, caso não haja discernimento capaz de preservar estruturas estatais estratégicas, que protejam e fortaleçam a capacidade empreendedora e realizadora do Estado e os interesses da sociedade.

Tomemos como exemplo o caso do Brasil, em que empresas e organizações estatais como Petrobras, Eletrobras, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, BNDES, Fiocruz, Embrapa, IBGE, INPE, entre muitas outras, vêm há anos sendo questionadas e fragilizadas, apesar de comporem uma linha de defesa da qual o Estado Brasileiro não pode prescindir. Afinal, o fortalecimento da capacidade empreendedora e realizadora de qualquer país, na saída desta grave crise, jamais será alcançada senão pela complementaridade entre sua capacidade estatal e a evolução da economia de mercado, se a intenção é fazê-lo atendendo ao interesse público, e não apenas aos apetites vorazes e volúteis dos mercados. Por isso, é chegado o momento de os líderes olharem à sua volta e se darem conta do custo de se negligenciar o investimento público, buscando restaurar enquanto é tempo a governança voltada com prioridade aos interesses maiores da sociedade.

## Visto, lido e ouvido

DESDE 1960

Circe Cunha (interina) // [circecunha.df@dabr.com.br](mailto:circecunha.df@dabr.com.br)

### Venezuela tem futuro? E o Brasil?

Sejam quais forem os desdobramentos derradeiros que a crise na Venezuela venha a ter neste momento tão crucial para o futuro de seu povo, um fato é indiscutível: permanecendo ou não o atual governo de Maduro, aquele país está visivelmente cindido, tanto pelas incontáveis vidas perdidas por conta da tirania quanto pelos milhões de refugiados que provocou, pela fome que obrigou os outrora orgulhosos venezuelanos a procurarem comida no lixo e água para beber em escoadouros de esgoto e outras desgraças gestadas por um regime de exceção.

Aliado a regimes igualmente cruéis, resta ao ditador Maduro poucas opções. Ou acaba de matar a outra parte dos venezuelanos que se opõe à sua gestão, para seguir governando literalmente sobre cadáveres, ou bate em retirada levando consigo o que restou do botim e dos saques praticados por anos seguidos. De fato, segundo analistas, o regime de Maduro está, neste momento, apoiado apenas por parte das Forças Armadas daquele país, embora conte ainda com o apoio e a logística de guerra de países como Cuba, Rússia, China e Coreia do Norte, países, sabidamente, avessos à democracia e à transparência do Estado.

A um leitor normalmente distraído que questione a importância que tem esses acontecimentos que ocorrem a milhares de quilômetros daqui em um país estrangeiro, é bom lembrar que muitos dos fatores que moldaram essa trajetória histórica malfadada foram diretamente legados pelos governos petistas, que, por aqui, também trataram de infelicitara nação com sua pregação separatista odienta. Foram as dezenas de milhões de dólares extraídos sorrateiramente dos nossos cofres que financiaram aquela ditadura, favorecendo a compra de armamentos de guerra sofisticados, muitos dos quais operados por soldados famintos e que viram vários de seus conterrâneos morrerem ou migrarem.

Com a iminente deposição daquele que governa aquele país, qualquer que seja o seu destino final, um outro fato também é incontestado e, com certeza, estará também nos livros de história do futuro: Maduro é, ao lado de Chaves, seu antecessor, parte da galeria dos amigos do ex-presidente Lula, agora, um simples presidiário solto por questões ideológicas avessas à letra da lei, que vão, aos poucos, indo ao encontro do inexorável destino reservado aos tiranos e corruptos desse continente. Com tanto dinheiro não devolvido, acreditam manter-se eternamente no poder.

Poucas semanas antes, o mundo tomou conta também do suicídio do ex-presidente do Peru Alan Garcia, outro político contaminado pelo poderio corruptor de nossas empreiteiras e comparsa dessa mesma turma de malfetores que infestaram o continente. Não bastassem as causas e as consequências que levaram aquele país a esse desfecho sangrento, herdamos uma espécie de obrigação moral de continuar ajudando aqueles venezuelanos que acorrem as fronteiras em busca de abrigo, comida, remédios e outras necessidades humanas, principalmente em tempos de pandemia. Até porque a Venezuela, hoje, é um retrato acabado de um futuro que, por pouco, não nos coube e que, por sorte do destino ou outro fator, escapamos na undécima hora.

### »» A frase que não foi pronunciada:

“Aqueles 734kg de ouro desaparecidos cinematograficamente do Brasil com destino incerto e não sabido até hoje têm relação com que parte dos últimos eventos da nossa história?”

Dona Dita, com a memória mais fresca no que nunca.

### Novidade

» Entre Brasília e Goiânia, o Jervá já é ponto de parada obrigatória. Pamonhas frescas e iguarias goianas de tirar o chapéu. A novidade é que o trecho Brasília-Goiânia recebe a primeira eletrovia do Centro-Oeste. Com pontos de recarga gratuita, quem viajar com carro elétrico até o Jervá terá apoio logístico na localidade.

### Agenda superpositiva

» Vídeo do Ministério da Infraestrutura mostra o que acontece no país além do vírus. Veja no *Blog do Ari Cunha*.

### Honra ao mérito

» Com presença marcante no país, a Rádio Nacional está na memória de todos os brasileiros. Programas em regiões longínquas, como o *Eu de cá, você de lá*, que aproximava familiares que não se viam há anos. A rádio participou do nascimento da nova capital do Brasil e tantos outros momentos importantes. A EBC, antiga Radiobrás, também sobrevive pelo talento e dedicação. Valorizar a competência de cada funcionário dessas rádios é um dever para os mais sensíveis.

### Solução

» Fecha igreja, abre igreja, fecha restaurante, abre restaurante, fecha escola, abre escola. Na parada do Planalto, a ideia do pessoal era realizar todos os eventos dentro dos ônibus da cidade. Boa percepção.

### »» História de Brasília

Observem as autoridades que premiar o invasor com um lote numa cidade-satélite é prejudicial e inconveniente. Estimula a apropriação indébita. (Publicada em 30/01/1962)